

FERNANDO DE AZEVEDO: O SOCIÓLOGO

*Maria Isaura Pereira de Queiroz**

RESUMO: O artigo acompanha o percurso do educador em sua ação efetiva em prol das reformas do ensino, paralelamente ao papel de revelador da Sociologia e da Sociologia da Educação no Brasil. Desenvolve a interpretação/revisão das obras por ele escritas – da década de 20 a de 60 – destacando a posição de seguidor de Durkheim, acrescida de postura proveniente dos ensinamentos de Edgar Morin. Reconhece nos estudos de ensino deixados por Fernando de Azevedo a predominância da perspectiva sociológica e, no acervo por ele legado, um transmissor de conhecimentos, portanto motivação para novos trabalhos.

UNITERMOS: Reforma do ensino; Sociologia; Sociologia da Educação; bibliografia

A Sociologia Brasileira, desde seus primórdios, foi profundamente influenciada, no país, pela existência de grandes diversidades sócio-culturais e econômicas internas, que marcaram a maioria dos trabalhos dos primeiros estudiosos dessa disciplina (Fernandes, 1949)¹. Enquanto alguns deles se impressionavam com a miscelânea étnica existente; outros se preocupavam com a diversidade das heranças culturais; muitos ainda ficavam abalados com o desnível de instrução existente entre a minoria letrada e a grande massa dos analfabetos, num país em que não só eram as escolas em muito pequena quantidade, como também o ensino era estruturado de maneira pouco adequada às suas condições reais. Fernando de Azevedo (1894-1975) se enquadrou entre estes últimos. Seu interesse pela Sociologia foi despertado pela leitura da obra de Émile Durkheim (1858-1917), de que tomara conhecimento por intermédio de seu amigo Júlio de Mesquita Filho (1892-1969)². Émile Durkheim, um dos autores que mais influenciaram o aparecimento e a consolidação da nova

* Professora Emérita da FFLCH/USP.

1. FERNANDES, Florestan. Aspectos políticos da civilização do açúcar. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 mar., 1949.
2. Fernando de Azevedo colaborou no jornal *O Estado de S. Paulo*, de que seu amigo Júlio de Mesquita Filho era proprietário e diretor.

ciência, considerava que cada sociedade engendrava o "seu" sistema de educação, cujas funções se voltavam para a socialização dos indivíduos a ela pertencentes e para a perpetuação dos valores que lhe eram peculiares; assim sendo, uma crise no sistema pedagógico de um país indicaria uma crise no sistema social. Esta maneira de pensar estava estudada mais de perto num de seus livros póstumos, editado em 1922, mas já perpassava nas obras anteriores³. A década de 1920 foi para o Brasil fértil em tentativas de renovações sociais, culturais e políticas; o jovem Fernando de Azevedo encontrava no sociólogo francês a direção que considerou válida para diagnosticar os desequilíbrios da sociedade em que vivia e para sugerir soluções.

A primeira manifestação de seu entusiasmo pela nova maneira de encarar a sociedade e a educação se inscreveu num inquérito que promoveu em 1925, através do jornal *O Estado de S. Paulo*, sobre a introdução da Sociologia, e naturalmente da Sociologia Educacional, nas Escolas Normais Primárias, renovando a formação dos mestres. As respostas ao inquérito revelam opiniões pró e contra, defendidas com ardor; apesar de muitas tomadas de posição contrária, as idéias de cunho moderno foram abrindo caminho. Algum tempo depois, conseguiu Fernando de Azevedo seu intuito; nomeado Diretor Geral da Instrução Pública no Distrito Federal (então sediado no Rio de Janeiro), posto em que permaneceu de 1926 a 1930, introduziu Sociologia e Sociologia Educacional nas Escolas Normais daquela cidade. Foi, mais tarde um pouco, um dos propugnadores da grande Reforma do Ensino em âmbito nacional, que introduziu estes estudos em todos os cursos de formação de professores normalistas, tendo sido também o redator principal do Manifesto da Escola Nova, em 1932.

Na mesma linha de atividades para promover, no Brasil, a expansão do ensino em todos os níveis, batalhou pela fundação da Universidade de São Paulo, conseguindo que nela se incluísse, como fulcro de expansão da ciência e do saber em geral, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras destinada a formar pesquisadores de alto gabarito, além de promover o necessário aperfeiçoamento de professores secundários e superiores. Nesta Faculdade, o Departamento de Ciências Sociais deveria, segundo ele, difundir pesquisas que, num país de tão grandes problemas sócio-culturais, seriam a base objetiva para as transformações que urgia efetuar; achava que somente o conhecimento da sociedade, adquirindo por meio de investigações específicas, poderia construir fundamentos para as transformações educacionais indispensáveis, que levariam ao desencadeamento das necessárias mudanças sócio-econômicas e políticas.

A criação do Departamento de Ciências Sociais foi, pois, o coroamento de tudo quanto vinha advogando desde o início da década de 1920. A seu ver, sendo a Sociologia a viga mestra para a construção do conhecimento tanto das coletividades, quanto dos indivíduos que as compõem, levando-a para o nível mais elevado

3. DURKHEIM, Émile. *Éducation et sociologie*. Paris, PUF, 1973. (1 ed., 1922).

do ensino – o nível universitário – proporcionaria a futuros professores a possibilidade de conhecer mais profundamente os condicionamentos sociais; a futuros pesquisadores, uma base sólida para o conhecimento dos fenômenos sociais; aos que se voltassem para a ação, o sustentáculo indispensável para a promoção de mudanças sociais⁴. Os estudantes, ao travarem conhecimento com a Sociologia, ciência dos fatos sociais, conheceriam também as duas outras facetas que a completavam: a faceta teórico-metodológica, em que ela é encarada fundamentalmente como o meio de se alcançar interpretação e explicação do que ocorre na sociedade; a faceta da *praxis*, em que ela fornece os fundamentos para técnicas de ação social, voltando-se para o ajustamento e reajustamento das relações sociais. Mas embora considerasse estas duas facetas como de alta importância, eram elas, a seu ver, subsidiárias do aspecto científico da Sociologia; era este o caminho que encontrara em Durkheim.

Na preciosa coleção de livros que Fernando de Azevedo publicou, 26 ao todo, que no entanto não esgotam os artigos, os discursos, os trabalhos espalhados, ainda hoje, em jornais e revistas, os que se enquadram nas Ciências Sociais somente compõem 6 volumes; a grande maioria dos demais se volta para problemas educacionais, que constituíram realmente o fulcro em torno do qual giravam as suas preferências⁵. Marcadas por um humanismo profundo apoiado em vasta erudição, tais obras constituem um arsenal de idéias que merecem ainda hoje serem discutidas e aprofundadas, e que espelham a maneira de pensar de parte de uma elite intelectual – sem dúvida nenhuma a parte mais avançada dela – que marcou as décadas de 20 a 50.

Suas duas primeiras obras de Sociologia se caracterizam pelo desejo de auxiliar a formação de pesquisadores e de mestres. Foram publicadas em 1935 e 1940, isto é, pouco tempo depois de ter sido fundada a Universidade de São Paulo (1934). Ambas vieram à luz num momento em que, no Departamento de Ciências Sociais, parte dos professores era composta de franceses e, falando em língua estrangeira, se referiam a uma bibliografia estrangeira de difícil acesso, enquanto seus estudantes, passados os primeiros dois ou três anos, provinham cada vez mais de camadas modestas e só haviam aprendido outros idiomas no curso ginasial. Destinadas a colocar ao alcance destes alunos os princípios de uma ciência ainda pouco divulgada, persistia o autor em sua preocupação fundamental: facilitar a aquisição do conhecimento.

Ele mesmo o diz no primeiro dos livros, mostrando-o como “uma pequena introdução ao estudo da Sociologia Geral” com o intuito de “dar, com o espírito e os métodos científicos, os elementos e as informações necessárias aos que quiserem

4. ANTONIO CANDIDO. *Recortes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. p. 78-81.

5. Maria Luiza Perna analisou a grande contribuição de Fernando de Azevedo à educação no país, principalmente no que diz respeito à renovação do ensino em todos os graus.

dedicar-se especialmente a esta ciência"⁶. Acreditando que "o conhecimento verdadeiro e durável não pode surgir, em ciência, senão em contato íntimo com as realidades, com os objetos, as coisas e os fatos", afirmava ainda que "a quantidade do saber é proporcional à quantidade de concreto, de real, que lhe serve de base". A Sociologia exige, pois, um aprendizado – "aprender a ver e a observar" – o que reconhece não ser fácil; não se trata do "estudo *do que deve ser*, mas *do que é*"; não deve partir "do ideal, mas de fatos e de suas uniformidades constantes ou relações necessárias". Ao aprender "como se pesquisa, se observa e se controla" fatos sociais, devem os estudantes englobar nesta atividade não apenas as realidades do meio social em que vivem, mas também "tudo o que se oferece ao seu exame, as fórmulas e as doutrinas"⁷.

Fernando de Azevedo segue, pois, passo a passo neste livro, o pensamento de Durkheim e a publicação deu lugar a críticas acirradas:

"católicos, socialistas reformistas e marxistas se opuseram então à posição durkheimiana nele propugnada, não se conformando com a objetividade, a isenção inerente ao seu intuito metodológico, e vendo nela um perigo aos diferentes valores que, segundo os críticos, devem intervir no estudo das sociedades"⁸.

A necessidade da *suspensão de julgamento* diante de um fato social para se alcançar sua definição correta era, ao contrário, considerada fonte de grave distorção do mesmo, sendo, portanto, inaceitável. No entanto, se muitos intelectuais e professores se levantaram contra este ponto de vista, que para Fernando de Azevedo era postulado de base no que diz respeito às Ciências Sociais, outros viram nele, ao contrário, o ideal de nova era para seu ensino e pesquisa, e esta maneira de pensar, ao ser fundada a Universidade de São Paulo, se inscreveu no Departamento de Ciências Sociais. As discussões a que o aparecimento do livro deu lugar mostram bem o nível de conhecimentos e de idéias da intelectualidade daquela época no país e como Fernando de Azevedo se colocava como o instigador de novas idéias.

A segunda obra, publicada em 1940 e dedicada à Sociologia Educacional, mereceu a seguinte apreciação de Roger Bastide⁹, também professor do Departamento de Ciências Sociais, quando de sua segunda edição:

6. AZEVEDO, Fernando de. *Princípios de Sociologia*. 5. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1958. p. 1, nota 1. (1. ed, 1935).

7. *Idem*, *ibidem*. p. 4-5.

8. ANTONIO CANDIDO. Informação sobre a Sociologia em S. Paulo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Ed. do IV Centenário, p. 135.

9. Roger Bastide (1898-1974) fez parte da Missão Francesa que, nos primeiros tempos da Universidade, veio concorrer para o aprimoramento do ensino desta. O grande sociólogo ensinou durante 16 anos no Departamento de Ciências Sociais que havia sido organizado e era dirigido por Fernando de Azevedo.

“retomando a Sociologia Educacional no ponto em que a deixara Durkheim, o autor continuara a obra, prolongando-a e escrevendo um livro que abordava o assunto em conjunto sem cair no duplo erro da sociologia alemã, que não passa de uma pedagogia social, e da sociologia norte-americana, que não passa, o mais das vezes, de uma Sociologia Geral aplicada à educação”.

Classificava-o como “um livro de ciência” no qual se sente “o amor ardente da escola”¹⁰. Esta apreciação do grande sociólogo francês, que sempre foi muito parco em elogios, mostra a importância da obra.

Bastide vai mais além, ao analisar o livro.

“Há quem imagine que a sociologia educacional, pondo a escola a reboque das representações coletivas, faz dela um instrumento de conservantismo social. Ora, isso é confundir a sociologia com a pedagogia social. Pelo menos com uma certa pedagogia social, a que não quer ver senão o ajustamento e a socialização. O capítulo-chave da Sociologia Educacional é talvez o nº 4 da II parte (Formadores e Reformadores) que mostra a maneira pela qual a escola se introduz nas fendas das morfologias sociais para ser um fator de transformação social. E nesse capítulo o estudioso se reúne ao lutador, é um dos pioneiros da reforma universitária no Brasil”¹¹.

Os esforços de Fernando de Azevedo não despertaram, porém, grande interesse por parte dos estudantes de Sociologia Educacional; a observação de Roger Bastide permanece válida, esta nova via de estudo permaneceu quase sem pesquisadores até hoje, não só no Brasil mas, ao que se sabe, também no mundo. Buscar, por meio de pesquisas da realidade social, de que maneira a escola deveria ser concebida para se transformar num veículo de transformação daquela mesma realidade, não tem despertado o interesse dos estudiosos¹².

Fernando de Azevedo reconhecia, pois, a grande necessidade de pesquisas em Ciências Sociais para se compreender a realidade brasileira, suas contradições, suas boas e más qualidades; tal conhecimento permitiria a reformulação das escolas nacionais, que, por sua vez, agiriam como alavancas das modificações da estrutura e da dinâmica da sociedade nacional. No entanto, ele mesmo não se voltou para as pesquisas de campo, nem sua contribuição se orientou para questões contemporâneas nos volumes sobre problemas sociais de seu país; suas investigações se dirigiram para problemas que requeriam uma análise de documentação histórica.

Poder-se-ia pensar que, agindo assim, seguia o caminho dos cientistas sociais de sua época, que escolheram, em geral, analisar problemas do passado. O mais

10. BASTIDE, Roger. Fernando de Azevedo, Sociologia Educacional (resenha). *Anhembi*, ano 3, n. 9, p. 511-12, 1951.

11. *Idem, ibidem*.

12. Estes dois livros são obras importantes como uma introdução ao conhecimento da Sociologia; para quem deseja estudar as Ciências Sociais.

importante dentre eles, Gilberto Freyre (1900-1987), embora tendo se diplomado nos Estados Unidos sob a direção de Franz Boas (1859-1942), considerado um dos fundadores da pesquisa de campo nas Ciências Sociais, não seguiu a via aberta pelo seu mestre, ao contrário de seus discípulos americanos: dedicou-se a trabalhos baseados em documentação histórica e, em suas três obras sucessivas, construiu uma visão da evolução sócio-cultural do país.

No entanto, uma outra razão muito forte teria agido: a inexistência de verbas destinadas à pesquisa em geral, na USP recém inaugurada, e menos ainda para pesquisas de Ciências Sociais, consideradas então como não necessitando de outro material que não fossem os documentos para serem efetuadas as investigações, como se julgava ocorrer com as Humanidades, de que fazia parte. Mesmo as Ciências Físicas e Naturais não eram nessa época bem aquinhoadas por verbas de pesquisa. Encarada a USP como uma universidade que devia contribuir para a melhoria de funcionários de alto nível e de professores de todos os graus do ensino, dando-lhes uma formação mais aprimorada, a ampliação do saber não vinha em primeiro plano; a maior parte dos recursos figurando no orçamento da universidade estava então (e ainda está hoje) voltada para a sustentação do corpo de professores e de funcionários. Não era de estranhar que a maioria dos docentes, em seus trabalhos, utilizasse documentação escrita, que poderia ser alcançada sem maiores gastos. O importante era que o exame dos documentos fosse orientado pelas preocupações metodológicas indispensáveis, com a mesma exigência de um agudo espírito crítico para garantir a maior neutralidade possível diante dos dados levantados. Naquele momento – estes livros de Fernando de Azevedo foram publicados em 1943, 1948 e 1950 – não duvidavam os sociólogos de todos os quadrantes que uma boa dose de crítica garantiria a fidelidade ao real, afastando as armadilhas do senso comum, sem atentar para as armadilhas do subjetivismo.

Em seus livros de pesquisa sociológica – dedicado o primeiro à importância da riqueza canavieira na política nacional, e o segundo às conseqüências do estabelecimento de uma estrada de ferro no sistema viário do país – Fernando de Azevedo, além de dar a conhecer os fenômenos sócio-políticos e econômicos ligados aos problemas que estudava, mostra também como orientar trabalhos sobre a realidade social. Mas uma outra obra, anterior a esta, tem para os estudiosos inestimável valor: trata da cultura brasileira, o termo cultura sendo tomado no sentido de *saber*, de desenvolvimento das ciências, dos estudos, dos conhecimentos, desde tempos antigos até a década de 1940, quando o trabalho foi efetuado¹³. Lidando com um extenso levantamento, apresenta um acervo de dados, como até então não havia sido feito outro, e fornece as bases para qualquer estudo do desenvolvimento cultural do país, obra de referência para a historiografia da cultura nacional; a abordagem

13. AZEVEDO, Fernando de. A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil. 4. ed. rev. e ampl. Ed. Univ. Brasília, 1963. (1 ed. Rio de Janeiro, Inst. Bras. de Geografia e Estatística, 1943).

histórica cobre todos os aspectos – o estudo dos vários componentes étnicos; as manifestações materiais das atividades; a análise da produção do conhecimento em seus diversos aspectos (filosófica, científica, artística), além de apresentar também os grupos sociais e suas relações através do tempo. O Brasil e suas características ali se encontram retratados, e a obra constitui uma síntese dos primeiros problemas que surgem invariáveis em todos os temas de pesquisa que se queira abordar.

* * *

Dos livros de Fernando de Azevedo voltados para a Sociologia, talvez o mais sugestivo deles tenha sido aquele que enfeixa uma série de ensaios tratando de problemas rurais, urbanos, educacionais e outros. Mas o que é um *ensaio*? Na linguagem comum, o termo significa trabalho que não pretende esgotar um assunto, mas o aborda de maneira original e pessoal; constitui sempre uma tentativa de cujos resultados não se tem certeza, distinguindo-se portanto por certa indeterminação, pela dúvida, pela hesitação. Fica, assim, longe do que pretende o cientista, obcecado pela busca da certeza e da verdade, e tal forma de comunicação, que parece ter tido o auge de sua aceitação no decorrer do séc. XIX, foi sendo pouco apreciada à medida que a ciência se tornava o modo preferencial de investigação, invadindo todos os setores da reflexão e do saber. A maior parte das obras de Fernando de Azevedo está englobada nesta conceituação hoje encarada menos lisonjeira.

No entanto, pensadores da importância de um Edgar Morin (1921-), reputado estudioso francês que se voltou para a Sociologia da Cultura, tem a respeito dos ensaios uma maneira de pensar diferente da habitual. Trata-se, diz ele, “de uma forma híbrida, na qual (...) são misturadas reflexões, resultados de trabalhos, e em que são avançadas teses provocadoras”; como uma via de acesso ao saber, constitui algo de “inevitável e necessário”. Há uma oposição, explica o autor, entre os sociólogos ensaístas e os sociólogos dogmáticos; estes se fecham dentro das correntes sociológicas que adotaram, encarando-as como as únicas verdadeiramente científicas; os ensaístas, por sua vez, estão veiculando o que *possivelmente* acontece e não o que *forçosamente* acontece. Ora, a ciência “não é monopólio de uma teoria, e sim o produto do antagonismo entre teorias em estado de verificação, que se impõem a uma comunidade científica” em determinado momento, mas que são sempre passíveis de modificação. A sociologia, por sua vez, se caracteriza fundamentalmente por estar “baseada em determinado número de dados objetiváveis, mas também em muita especulação e muitos pressupostos”, o que forçosamente leva os cientistas sociais, mesmo os mais dogmáticos, a enveredarem pela incerteza, pelo reconhecimento do que é aleatório¹⁴.

Numa obra, publicada em 1962, Fernando de Azevedo reuniu ensaios sobre vários problemas, explicando que estavam ali “trabalhos de vária ordem; uns,

14. MORIN, Edgar. Pour une sociologie ouverte. In: GUILLAUME, Marc. org., *L'État des sciences sociales en France*. Paris, La Découverte, 1986. p. 148.

puramente teóricos; outros, de análise de problemas e situações concretas". Acredita o autor que em todos eles esteve presente "o espírito científico na observação, na análise e na interpretação dos fatos". Mesmo naqueles que foram dirigidos a um público mais amplo do que o dos cientistas sociais e cuja redação foi, portanto, "mais literária, "surgem, ora no primeiro plano, ora no segundo, ora em plena claridade, os mesmos princípios essenciais" que nortearam os mais especificamente sociológicos¹⁵.

Entre os artigos que figuram no volume, chama a atenção aquele que se denomina "A evolução das elites políticas no Brasil contemporâneo e, particularmente, em S. Paulo", não só pelo interesse do tema, como pelo fato de ser escolhido o conceito de *circulação das elites* para a formulação da análise. O conceito foi criado pelo sociólogo italiano Vilfredo Pareto (1848-1923)¹⁶, que, num livro publicado em 1916, se contrapõe às concepções marxistas que estavam conquistando cada vez mais adeptos entre os cientistas sociais e entre os intelectuais em geral¹⁷. Em 1960, quando no Brasil e no mundo, cientistas sociais adotavam com muito entusiasmo e fidelidade as teses marxistas, Fernando de Azevedo, que sempre se afirmara socialista, emprega um conceito criado dentro de teoria que aparentemente seria contraditória à sua ideologia política.

Segundo Pareto, as elites seriam minorias que comandam as demais camadas sociais, aparecendo e desaparecendo no decorrer do tempo em todas as sociedades; dessa forma, toda sociedade, todo grupo, tem necessariamente suas elites, e todas elas se renovam; mesmo aquela de maior poder político dentro de uma nação não escapa de ser mudada, com a ascensão de outras que se originam no seu interior, mas noutros grupos e noutras camadas sociais. A heterogeneidade social é, para este autor, um dado fundamental que não pode ser descartado; por mais que haja tentativas de anulá-la através, por exemplo, da ascensão das massas ao poder, cujo objetivo é igualar entre si todas as camadas sociais, é ela inócua pois uma nova elite, nascida no interior da própria massa, tomará o poder e passará a exercê-lo, ditando outras normas sociais¹⁸. Achava também que em todas as sociedades, em

15. AZEVEDO, Fernando de. *A cidade e o campo na civilização industrial e outros ensaios*. São Paulo, Melhoramentos, 1962. p. 11-2.

16. Vilfredo Pareto (1848-1923), economista e sociólogo, encarava a Economia como a ciência que estuda as ações humanas lógicas, enquanto a Sociologia se ocupava, segundo ele, em analisar ações humanas desprovidas de racionalidade e caracterizadas pelas expressões simbólicas irredutíveis a explicações racionais, como os sentimentos, as crenças e as tradições, que derivariam de raízes biológicas apresentadas pela natureza humana.

17. Sua maneira de ver foi apresentada principalmente em duas obras: *Trattato di Sociologia Generale*, em dois volumes e *La trasformazione della democrazia*. Nelas apresentou sua teoria da circulação das elites, mostrando a existência constante de uma elite predominante no interior das sociedades, sempre renovada por meio de elites particulares que conseguem se alçar ao poder.

18. Morto em 1923, Vilfredo Pareto só conheceu as primeiras tentativas de desenvolvimento do fascismo e do nazismo; porém o que chamava mais a atenção nos últimos anos de sua vida era a revolução

todos os grupos que as compõem, em todos os estratos sociais, haveria um pequeno punhado de indivíduos exercendo o poder sobre os demais, utilizando ora a astúcia, ora a força para se manter no ápice do grupo. Com o decorrer do tempo, indivíduos não pertencentes à elite nela se infiltram, misturando-se com os indivíduos mais antigos ali existentes, havendo uma adaptação recíproca; ou então operar-se-á a substituição de uma elite por outra, que ascende e faz a anterior descer na escala social.

Este subir e descer de grupos no interior de uma sociedade, no curso do tempo, compõem, segundo Pareto, o desenrolar da História, sendo necessário analisar as sucessivas minorias que se alçaram à posição de mando, tomando-se deste as verdadeiras detentoras, para se compreender a sua marcha. Advertia que em toda e qualquer elite existe propensão para se tornar oligarquia, isto é, para a formação de um governo em que a autoridade se concentra e perpetua nas mãos de alguns que dominam as atividades importantes do país. Todavia, mesmo a elite que alcançasse o mais amplo poder político, não escapava de ser renovada a partir de outras. O termo de *sociedade de massas* era irreal, pois a heterogeneidade social era um dado fundamental de toda sociedade e de todo grupo, que não pode ser descartada como inoperante; pelo contrário, estando sempre presente, faz com que mesmo quando se acredita ter alcançado o máximo de igualdade entre os indivíduos de um grupo ou de uma sociedade, há ali diferenças que beneficiarão alguns e que os colocam em posição de domínio sobre os demais.

A crença de que o proletariado, num movimento espontâneo ou não através do tempo, levaria as massas ao poder, era considerada por Pareto mera utopia de pequenos grupos de intelectuais que as dirigiam; as idéias destes não poderiam ser compreendidas por operários e camponeses, que não tinham conhecimentos suficientes para tanto. Insistia em que “subsiste sempre um corte entre a massa do povo e os pequenos grupos organizados que detêm as rédeas do poder”¹⁹, sendo estes os que tomariam o lugar da elite superior, num momento dado, e que governariam a massa. Pareto não via, pois, base concreta, nas sociedades, que servisse de apoio à teoria marxista de que um dia as massas exerceriam o poder;

comunista da Rússia. Sua teoria da circulação das elites provinha da constatação de que no poder sempre era encontrado um pequeno grupo que exercia o poder e que se organizava de maneira a permanecer em sua posição privilegiada. Mesmo na parte da Europa em que se dizia que tinha havido uma vitória das massas, em 1917 – na Rússia – fora a revolução conduzida por uma elite comunista exercendo um poder oligárquico. Quanto a Mussolini, que tomara conhecimento da obra de Pareto e por ela manifestara entusiasmo, era encarado por este como o chefe de tentativas pragmáticas de camadas médias e baixas para tomar o poder, não possuindo, nem ele nem os adeptos que o rodeavam, qualidades intelectuais que lhes permitissem compor uma teoria de ação política válida. Nesse ponto se diferenciavam, aos seus olhos, do marxismo, teoria política delineada por pequenos grupos de intelectuais que pretendiam com ela beneficiar as massas, não percebendo que não podiam ser compreendidos por estas; desse modo, a teoria que proclamavam não passava de utopia, dizia Pareto.

19. GRESLE, François et al. *Dictionnaire des Sciences Humaines*. Paris, Nathan, 1990. p. 100.

dentro destas massas, existia uma elite que as incentivava e que, uma vez alcançada a reviravolta, passaria a exercer a dominação da sociedade.

A teoria de Pareto não foi única entre os sociólogos e uma sucessão destes formulou maneiras de ver próximas às dele. Um sociólogo alemão, Robert Michels (1875-1940), entre outros trabalhos, mostrou a relativa indiferença das massas para com as práticas democráticas, levando à consolidação de um núcleo oligárquico, monopolizador do poder político. Joseph Schumpeter (1883-1950) analisou a participação e as disputas das elites entre si, assim como entre elite e massa. O sociólogo francês Raymond Aron (1905-1983), por sua vez, encarou a *circulação das elites* como o movimento pelo qual indivíduos de camadas inferiores se elevam até as mais altas, considerando-o característico das sociedades industrializadas. A eles se acrescenta o sociólogo americano Wright Mills (1916-1962) que afirmava sua condição de discípulo de Marx e de Max Weber; em pleno auge do conservadorismo, nos Estados Unidos, analisou as elites no poder em seu país, mostrando como os poderosos industriais se aliavam às forças armadas para dominar classes médias e proletariado; trabalho que foi publicado em pleno período que se poderia chamar de *conservantismo militante* da maioria da população do país²⁰.

Fernando de Azevedo que, como socialista, era contrário à “democracia burguesa e liberal” imperante no Brasil, parecia então que se manifestava de maneira inteiramente oposta às suas convicções, ao aceitar e utilizar uma terminologia sociológica cujo criador fora politicamente contrário às suas convicções; esta seria uma das contradições que manifestara em sua vida²¹. Não se pretende afirmar aqui que Fernando de Azevedo fosse constantemente coerente em suas idéias e ações, isto é, que em suas idéias e ações não interviessem oposições, incoerências, contradições. Na verdade, nenhum autor se tem mostrado incólume a estas manifestações, que são indispensáveis à atividade do espírito, ao caminhar do raciocínio; nenhum filósofo, nenhum cientista, nenhum estudioso consegue se manter fiel a um único caminho do pensamento, sem enfrentar e registrar incompatibilidades mais ou menos importantes em suas reflexões. E é por essa via que caminha a criatividade, na ciência como fora dela.

Porém, antes de julgar o emprego que Fernando de Azevedo fez desse conceito, é preciso analisar como e quando o utilizou. Explica que empregou a teoria

20. Foi o período em que o senador Joseph R. Mc Carthy, republicano, conseguiria desenvolver nos Estados Unidos um violento anticomunismo, com perseguições furiosas de intelectuais, artistas, professores, políticos de linha contrária, estudantes etc. Descobriu-se de repente que os militantes de sua campanha estavam largamente contaminados por enorme corrupção, denunciada então e condenada pelo Senado, nos Estados Unidos. No auge das perseguições, Wright Mills publicou seu livro *The power elite* (1956), em que mostra como a elite no poder exerce a dominação sobre as massas nos Estados Unidos. Durante todo o período dominado pelo *mccarthysmo*, afirmava tranqüilo se colocar nas perspectivas de Marx e de Max Weber, apesar das humilhações e punições que sua atitude lhe acarretaria.

21. PENNA, Maria Luisa. *Fernando de Azevedo: educação e transformação*. São Paulo, Perspectiva, 1987. p. 54 e segs.

de Pareto por ter constatado no Brasil “um movimento contínuo” semelhante ao “que se observa no interior das sociedades humanas e se apresenta com intensidade sem igual e sob aspectos novos nas sociedades atuais, em consequência (...) da industrialização, da urbanização e do deslocamento do centro de gravitação política para as massas em ascensão”; por toda a parte este quadro tem sido considerado habitualmente como uma “vitória” das camadas inferiores, que daí em diante exercerão o poder. No Brasil – e principalmente em São Paulo – teria ocorrido um início desta elevação, a partir de, e acompanhando, o primeiro surto industrial de 1914-1918. Na verdade, a política permaneceu dominada quase exclusivamente pela “minoría portadora da cultura tradicional e proveniente das classes conservadoras”, apoiadas “no prestígio econômico e social dos fazendeiros de café, no Sul, e dos senhores de engenho no Nordeste”²².

A industrialização e urbanização em processo no país e principalmente em São Paulo, ao se acelerar a partir de 1930, é que promoveu a multiplicação rápida de camadas sociais e maior mobilidade vertical: indivíduos e grupos ascendiam, enquanto outros desciam na escala social. Era a movimentação constatada a partir da observação de que muitas das antigas famílias, outrora poderosas e ricas, não conseguiam se manter em suas posições privilegiadas; outras, porém, conservando sua fortuna, permaneciam na situação de superioridade que havia sido sempre a sua. Concomitantemente, indivíduos e grupos de origem modesta ascendiam e ocupavam posições elevadas; não raro alianças matrimoniais entre famílias de duas origens diversas consolidavam a introdução das últimas na camada superior. Assim conservava-se uma mobilidade sócio-econômica e política que tinha sido constante na sociedade brasileira desde o período colonial, sempre comandada pelo enriquecimento ou pelo empobrecimento de grupos familiares, muito embora tivessem se multiplicado as camadas sociais.

Estas características não se viram ameaçadas nem pelo desenvolvimento populacional, nem pela exploração de novas regiões, nem mesmo, mais recentemente, pela industrialização e pela urbanização. Deste modo, a estrutura sócio-política, em lugar de abalada por estes dois processos mais recentes, bastante diversos dos anteriores, foi fortalecida pelas mudanças por eles determinadas. A movimentação interna de indivíduos e grupos, mesmo quando estes se multiplicavam, e quando a quantidade de camadas sociais aumentava, conservava sempre hierarquia semelhante; podia aumentar a quantidade de indivíduos que as compunham, porém a escalação era a mesma e as camadas superiores conservavam o poder econômico e o mando político. A multiplicação das camadas intermediárias, observada nos tempos atuais, fazia avultarem os níveis entre o mais baixo e o mais alto, agindo

22. AZEVEDO, Fernando de. *A cidade e o campo na civilização industrial e outros ensaios*. Ed. cit. p. 233.

como um fator suavizante na mobilidade descendente das famílias de condição, e oferecendo maior número de degraus para a ascensão das inferiores.

Havia uma *ilusão de transformação*, resultante desta circulação, que substituiu pedaços das velhas elites por elementos das novas, muito geralmente apontada no país como *valor*, uma vez que o fechamento das camadas superiores não era rigoroso; a possibilidade de ascensão alimentava a idéia de que existia no Brasil certo pendor para afastar a desigualdade sócio-política, uma vez que se substituíam elementos das camadas altas por outros que vinham das camadas baixas. Mas, dizia o experiente sociólogo, a continuidade da estrutura e da mobilidade interna na verdade opunham sério entrave à implantação de uma sociedade mais justa, impedindo o desaparecimento de diferenças gritantes entre o ponto mais elevado e o mais baixo: paradoxalmente, a movimentação na escala social realmente existente no país para alguns indivíduos e grupos, não constituía fator de diminuição das desigualdades sociais internas, e sim um poderoso estimulante da conservação da estrutura e da dinâmica existentes.

Se São Paulo, o estado mais industrializado, urbanizado e desenvolvido econômica e culturalmente, apresentava tal continuidade estrutural e dinâmica, com muito mais razão teriam os demais estados a mesma configuração, que vinha do passado; por toda a parte, o Brasil apresentava grande permanência de sua hierarquia sócio-econômica e política, assim como da dinâmica que a sustentava, apesar da parcial substituição de parte das elites antigas por novos componentes; estes se infiltravam e misturavam com o que persistia da elite anterior, que os engulia sem maiores problemas, sem que realmente ocorressem transformações na hierarquia em que se distribuíam as camadas, nem nos valores que orientavam a dinâmica existente entre os vários estratos e os indivíduos neles implantados. Desta forma, a multiplicação das camadas intermediárias, permitindo uma elevação aparente das massas, não constituía vitória crescente das camadas inferiores, denunciava apenas uma "renovação das elites políticas no Brasil contemporâneo e particularmente em São Paulo", uma vez que não haviam ocorrido transformações na estrutura e na dinâmica sociais do país e do Estado, antes se ampliaram as diferenças entre as camadas elevadas e a massa sem nenhuma posse e nem poder.

Analisando o que ocorria num país essencialmente agrário que, em 1960, entrava na era da industrialização, o que Fernando de Azevedo encontrou não foi uma elevação das massas, e sim o aparecimento de *novas elites* que, para se apoiarem nestas, se voltaram para a "competição desenfreada", por meio de partidos "sem programa e sem idéias, retalhados por suas dissensões internas e dispostos, para se facilitarem o acesso ao poder, a todas as coalisões e às mais disparatadas alianças". Neste desenvolvimento descomedido da economia, suscitando também um imoderado desenvolvimento político, não eram as massas que tomavam o poder; elas passavam a constituir "poderoso instrumento de dominação" nas mãos de grupos políticos antigos e novos, que se valiam de quaisquer meios para se manterem

no poder uns, e outros para deste se apoderarem²³. Manipuladas por toda a sorte de grupos que forcejavam por se inserir na esfera dos detentores do mando, destituídas de organização econômica e política, passavam a ser joguete entre as mãos de grupos e de líderes que as encaravam somente como potente alavanca na ascensão política.

Esta análise mostra que, adotando o conceito de *circulação das elites*, Fernando de Azevedo lançava mão do melhor instrumento de trabalho que havia encontrado para traduzir, numa outra linguagem que não a puramente descritiva, um fenômeno em curso e para chegar a uma visão mais clara do mesmo. Não estava sendo incoerente com sua posição política de socialista, embora o termo tivesse sido definido por um opositor do marxismo e para fazer frente a este. Sociólogo, estava reconhecendo a utilidade de uma ferramenta adequada ao que pretendia esclarecer, não importando as idéias políticas de quem a havia inventado. Assim agindo, estava perfeitamente de acordo com suas *convicções científicas*, pautadas pelos ensinamentos de Durkheim: deixar de lado as convicções filosóficas, religiosas ou políticas ao analisar os fatos sociais, pois ao fazê-lo seguir-se-á o caminho do que *deveria ser*; ao contrário, encarar o fenômeno tal qual é, classificando-o conforme as particularidades que apresenta, classificação que deverá empregar o utensílio mais prático e hábil, mais adequado para dar a conhecer o fato em sua profundidade.

Efetuada o dignóstico, de acordo com as regras da observação e da explicação que considerava as mais válidas em Sociologia, vinha em seguida a vez da *praxis*; o retrato da situação era desanimador, pois apontara para uma realidade social cuja estrutura e tipo de mobilidade vinha durante havia longuíssimo tempo, urgia apontar uma saída. O educador que viera batalhando desde a década de 1920 pelas reformas do ensino no país, que estivera entre fundadores de universidades, volta a mostrar a solução que também viera apregoando havia muito. Apesar desta luta constante, "não se havia tomado consciência da necessidade premente da difusão do ensino e da cultura" em todas as regiões e níveis sócio-culturais, para que adquirissem "o sentimento do espírito público e maior capacidade de apreciação dos homens e das coisas"; ao contrário, em lugar de alçarem as massas pelo ensino, foram os homens públicos que *baixaram* até elas pela propaganda, o que sem dúvida é muito mais fácil do que "elevá-las progressivamente, por uma educação extensa e intensiva, até eles, ou melhor, até um nível em que possam julgá-los com critérios mais seguros"²⁴. A convicção do educador novamente se revela aqui: a alavanca para levar sua gente a melhores níveis de escolhas eleitorais não seria, diz ele, o rebentar de revoluções populares, mas sim a difusão do saber, o que era quase inexistente no país. Não esquecer que o trabalho foi escrito em 1960.

23. *Idem, ibidem*. p. 240.

24. *Idem, ibidem*. p. 240-2.

Assim a visão do sociólogo era, nesta análise, auxiliada pelos conhecimentos de um educador que durante largos anos vinha tentando despertar a elite social e política para a necessidade fundamental de uma grande expansão do ensino. Encontrava-se agora diante de uma situação pungente: "A política se desenvolve no tumulto e se mantém em todas as lutas, numa expectativa armada, enquanto se agravam os problemas e os fenômenos típicos de massificação que, emergindo do crescimento demográfico e da desproporção numérica entre a cidade e o campo, como entre as diversas classes sociais, repercutem fortemente no plano econômico e no da ação política, no plano educacional e no da cultura, e levantam, nesses diferentes atores, outros tantos problemas de reestruturação"²⁵.

Este livro foi publicado em 1962; dois anos depois, a "expectativa armada" em que se mantinham as classes dominantes, julgando-se ameaçadas em sua situação de poder, amedrontadas pelo tumultuar das dissensões, tomavam a decisão de impor pela força uma organização política centralizadora e totalitarista que duraria anos a fio. Agora, passado o tempo, verifica-se que o diagnóstico efetuado por Fernando de Azevedo encerrava também uma previsão que não tardaria a se realizar. A ditadura militar que se instalou em abril de 1964 dominou a própria "democracia burguesa e liberal", cuja inadequação à situação do país ele havia tantas vezes denunciado e constantemente combatido. Contra esta tomada de poder foi ele ainda um dos primeiros a se levantar, redigindo um manifesto dado a público em 1965²⁶. Seu ensaio aqui analisado não encerrava somente um diagnóstico e uma previsão, apontava, inclusive, para uma solução, aquela que, apoiado nos seus conhecimentos de sociólogo, vinha o pedagogo advogando havia longos anos: a expansão e o aprofundamento de um sistema de ensino mais condizente com as condições nacionais e que pudesse servir para combater as enormes desigualdades de sua sociedade.

* * *

Embora sua obra de sociólogo se reduzisse a alguns livros, sua influência, no entanto, não se restringe a eles. Toda a farta produção ligada aos problemas do ensino e da educação, assim como toda a atividade que desenvolveu em prol das reformas destes no país; a introdução da Sociologia e da Sociologia Educacional nas Escolas Normais; sua ação no sentido de ampliar as possibilidades de investigações sociológicas, fundando ou dando apoio à fundação de centros especificamente de pesquisa; sua tentativa de reunir os cientistas sociais numa sociedade em que assuntos de seus interesses pudessem ser discutidos e suas reivindicações fossem levantadas – a criação da Sociedade Brasileira de Sociologia – foram atividades que difundiram e ampliaram o âmbito da ciência pela qual lutou, concorrendo de maneira extraordinária para firmá-la como essencial para se alcançar o conhecimento da sociedade nacional.

25. *Idem, ibidem*. p. 240.

26. PENNA, Maria Luisa. *Op. cit.* p. 202-3.

Mas estaria hoje ultrapassado o ponto de vista em que se apoiou, o de Émile Durkheim, e poder-se-ia pensar que as perspectivas metodológicas deste autor dificultariam uma visão crítica dos problemas na época atual? Muito discutido em seu tempo e ainda agora, Durkheim é, no entanto, “um dos homens que, juntamente com Max Weber e Karl Marx, mais influenciaram a sociologia”, tendo sido ele quem “enunciou as regras capitais para a análise sociológica do *fato social* e posto em prática estas regras em seus estudos sobre a anomia, o suicídio, a religião”²⁷. De tal modo que “metodológica e epistemologicamente, não é possível alguém se tornar sociólogo sem refletir sobre Durkheim”²⁸. Socialista, “vivendo os problemas franceses: crise do cristianismo, crise da consciência nacional, crise da organização industrial, crise da educação”, buscou ele “um método que permitisse tratar da crise e para ela encontrar remédios”²⁹. Suas idéias, na França, não encontraram no meio intelectual uma repercussão profunda, “não se podendo dizer que tenha tido êxito em divulgar a sociologia nem no país (o ensino da sociologia nas Escolas Normais Primárias da França está muito longe do pensamento de Durkheim), nem no ensino superior”, no qual eram encontradas ainda há algum tempo apenas três cátedras e em que não havia nenhuma “separação entre sociologia, moral e filosofia”³⁰. Na verdade, ainda hoje e desde o início de seus trabalhos, é Durkheim muito combatido na França, principalmente pelos intelectuais de direita, que aceitam com dificuldade

27. THINES, George et LEMPEREUR, Agnès. *Dictionnaire général des Sciences Humaines*. Paris, Ed. Universitaires, 1975. Esta opinião e também a de Sumpf e Hughes, que data de 1973, mostram que na França, nessa data, já se fazia justiça, finalmente, ao seu maior sociólogo, um dos iniciadores, ali, do assentamento das bases teóricas da Sociologia, assim como da demonstração de como realizar pesquisas. Trata-se também do reconhecimento do valor de Max Weber no mesmo sentido, o que só recentemente chegou a ser feito de maneira ampla naquele país. Quanto à compreensão do valor da contribuição de Karl Marx, foi ela considerada e respeitada ali muito mais cedo, em grande parte devido à aceitação da importância política desse autor. É preciso sublinhar que vinte e quatro anos antes, isto é, em 1949, Florestan Fernandes associava Marx, Max Weber e Durkheim ao desenvolvimento da sociologia na Europa, uma vez que, para todos três, “até as probabilidades de generalização e de análise objetiva do *macrocosmo social* estão subordinadas ao alcance e à profundidade” da interpretação do passado, “no qual se procuraria a explicação de situações histórico-sociais emergentes”. O artigo de Florestan Fernandes comenta o lançamento do livro de Fernando de Azevedo, em 1948, *Canavais e engenhos na vida política do Brasil*, mostrando sua importância para o momento sócio-político e econômico que se estava então vivendo (FERNANDES, 1949). O comentário de Florestan Fernandes coloca no mesmo plano e dá a mesma importância aos três grandes nomes da Sociologia mundial, num momento em que, conforme as correntes de pensamento sociológico e político, a contribuição de um ou outro dentre eles era considerada na Europa de muito menor valor.

28. SUMPFF, Joseph et HUGHES, Michel. *Dictionnaire de Sociologie*. Paris, Larousse, 1973. p. 94.

29. Num país como a França, em que até hoje o preconceito contra o judeu a todo o momento aflora, Durkheim, nascido na Alsácia em 1858, viveu num período em que perseguições ocorriam volta e meia; então “buscou uma forma de assimilação cultural e política freqüente entre os judeus franceses” – a carreira universitária. Companheiro de Jean Jaurès, um dos chefes do partido socialista francês, fez com este a campanha pela inocência de Dreyfus, tendo vivido todos os problemas de seu país e sua época, buscando um caminho para compreender as crises e para solucioná-las (SUMPFF et HUGHES, 1973, p. 91).

30. SUMPFF, J. et HUGHES, M. *Op. cit.* p. 92-3.

a idéia de que os fatos sociais devam ser encarados sem preconceitos, isto é, como fenômenos que se impõem à observação do pesquisador, o primeiro passo deste devendo ser o da *suspensão do julgamento* quando se começa a encarar o material a ser colhido e analisado.

Num país como o Brasil, de grande diversidade étnica, de recebimento de grandes contingentes de imigrantes, o preceito de *suspensão do julgamento* que coloca pontos de interrogação diante de afirmações em geral tidas como incontesteáveis, cresce em necessidade de sua aplicação aos *dados objetiváveis*, para utilizar a expressão de Edgar Morin, em texto já aqui citado anteriormente. Fernando de Azevedo compreendeu perfeitamente a importância desta perspectiva e já na década de 1920, quando batalhava pela introdução da Sociologia nas Escolas Normais Primárias, achava-as fundamentais num país em que abundam os preconceitos e os próprios mestres, nestas escolas, acabam sendo fortalecedores dos mesmos³¹. O jovem pesquisador e o jovem mestre só teriam a lucrar ao captarem o pensamento durkheimiano, pois o levam a conhecer a importância fundamental, para a sua ciência, da regra que os obriga a colocar um ponto de interrogação diante das afirmações tidas como verdadeiras pelo senso comum. A partir desta primeira aproximação, passando a analisar em seguida os autores contrários ao grande mestre francês, tanto no passado quanto na atualidade e o lugar que estes opositores ocupam nas correntes de pensamento do passado e atuais, poderá então definir sua própria perspectiva.

São passados setenta anos desde que Fernando de Azevedo *descobriu* a Sociologia e praticamente a revelou aos estudiosos brasileiros. Durante os longos anos em que travou o grande combate em prol da Sociologia, constantemente pôs em prática uma das regras durkheimianas que tinha por válida no estudo dos fatos sociais: não se deixar levar por convicções filosóficas, religiosas, políticas ou do senso comum, mas colocá-las de lado porque implicam em se deixar guiar pelo que *deve ser*; encarar o material pesquisado tal qual ele é, classificando-o conforme as particularidades que apresenta, sem emitir juízos de valor, e utilizando para isso o instrumental que reputou mais adequado. E ao preconizar determinada perspectiva científica no trato do material a ser analisado, sua postura foi sempre a que Edgar Morin achou característica da Sociologia, pois esta estava "baseada em determinado número de dados objetiváveis, mas também em muita especulação e muitos pressupostos"³².

Fernando de Azevedo, trabalhador infatigável, deixou uma grande bibliografia e um arquivo muito maior ainda, que dizem respeito à educação principalmente,

31. Uma pesquisa importante a ser feita é a da origem sócio-econômica e das maneiras de pensar dos professores primários em São Paulo e no Brasil atualmente, a respeito de sua carreira, de seus preconceitos étnicos e nacionalistas, de sua concepção de seu país. Sem dúvida seria uma pesquisa muito apoiada por Fernando de Azevedo...

32. MORIN, Edgar. *Op. cit.* p. 148.

mas cuja perspectiva mais constante é a sociológica. Com razão Austregésilo de Athayde³³ chamou-o de “apóstolo da educação”, que “não se deixa vencer pela idade com seus percalços e continua lutando pelos seus ideais, que vêm da adolescência e são tão vivos agora quanto o foram sempre”; todo o acervo que deixou constitui um transmissor de conhecimentos, uma motivação para novos trabalhos. Através de toda a sua obra, com o arquivo que deixou, permanece ainda hoje ensinando e com razão deve ser chamado de “mestre infatigável”.

Referências bibliográficas

ANTONIO CANDIDO. Sociologia, ensino e estudo. *Sociologia*, v. XI, n. 3, set. 1949.

AZEVEDO, Fernando de. *Sociologia Educacional: introdução ao estudo dos fenômenos educacionais e suas relações com os outros fenômenos sociais*. 1. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1940.

_____. *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil*. Rio de Janeiro, Inst. do Açúcar e do Alcool, 1948.

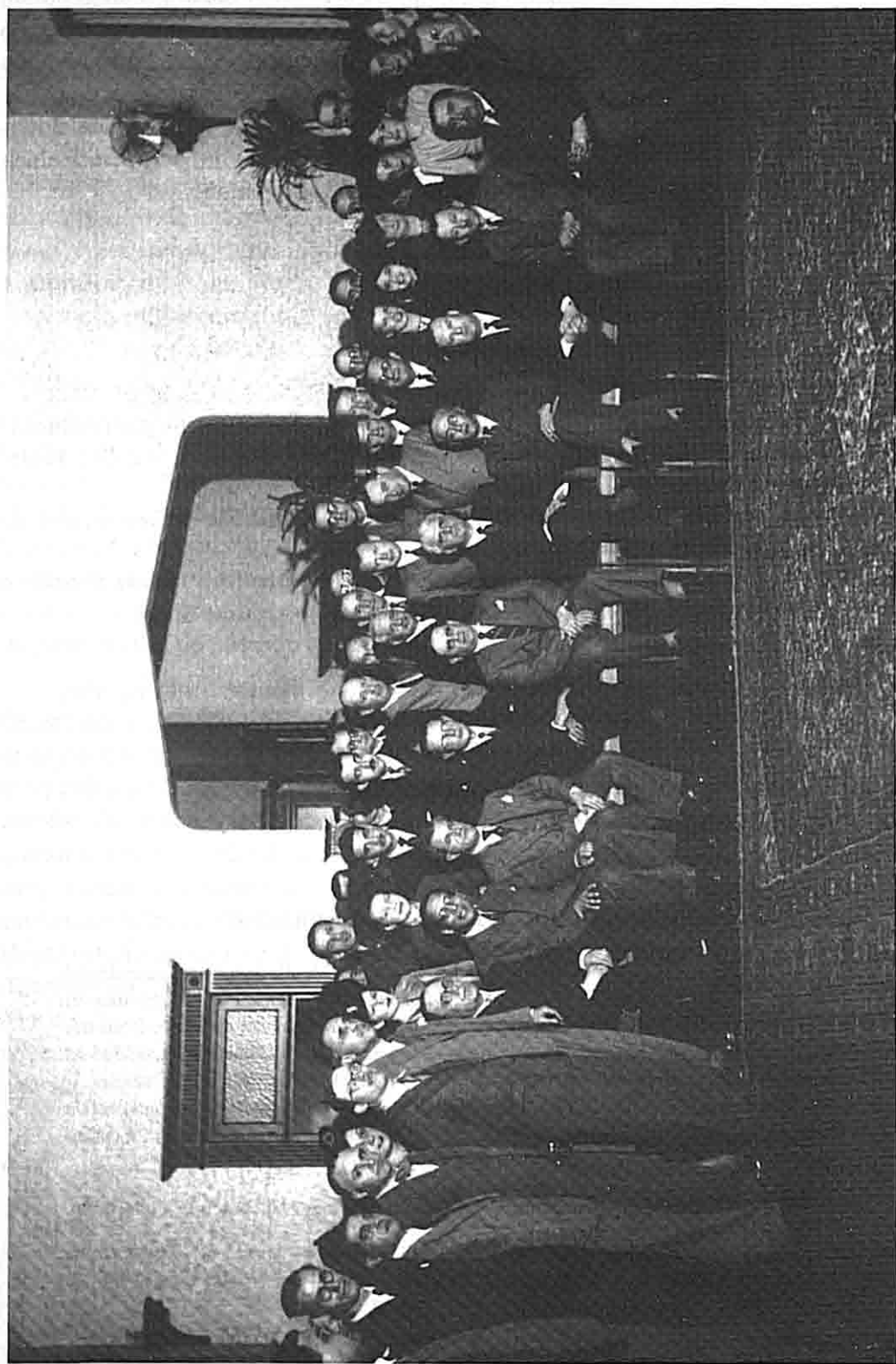
_____. *Um trem corre para oeste: estudo sobre a Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional*. São Paulo, Martins, 1950.

FERNANDO DE AZEVEDO: THE SOCIOLOGIST

ABSTRACT: This article accompanies the educator in his efforts towards educational reforms, paralleling the role of revealer of Sociology and the Sociology of Education in Brazil. It develops the interpretation/revision of the works written by him – from the 1920's to the 1960's – highlighting the position of follower of Durkheim, added to postures coming from the teachings of Edgar Morin. It recognizes in the studies in education left by Fernando de Azevedo the predominance of the sociological perspective and, in the collection left by him, a transmitter of knowledge and therefore a motivation for new work.

KEYWORDS: Reform of education; Sociology; Sociology of bibliography; education.

33. ATHAYDE, Austregésilo. O mestre infatigável. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 7 set., 1973.



Automóvel Club de São Paulo. Homenagem à nomeação de Fernando de Azevedo como Diretor da Faculdade de Filosofia. São Paulo, 3 set. 1941.